

O INCONSCIENTE FOLCKLÓRICO : ARTHUR RAMOS

Regina Gloria Andrade¹

Augusto Conceição²

Resumo

Este texto é um grande desafio em relação à reflexão de um dos conceitos mais discutidos nas ciências humanas que é o inconsciente. Com toda razão, o conceito do inconsciente é de domínio da psicanálise. Evidentemente que nenhum conceito pode dar conta de campos tão amplos e vastos quanto aqueles dedicados ao estudo do sujeito. Privilegiar um conceito significa já o ter estudado em suas nuances assim como seus estudos alternativos e decorrentes do mesmo.

Palavras chave

Folkcomunicação; inconsciente; personalidade; Inconsciente folclórico, Arthur Ramos; Psicologia intelectualista.

y P

Introdução

Este texto é um grande desafio em relação à reflexão de um dos conceitos mais discutidos nas ciências humanas que é o inconsciente. Com toda razão, o conceito do inconsciente é de domínio da psicanálise. Evidentemente que nenhum conceito pode dar conta de campos tão amplos e vastos quanto aqueles dedicados ao estudo do sujeito. Privilegiar um conceito significa já o ter estudado em suas nuances assim como seus estudos alternativos e decorrentes do mesmo. Porém nada pior do que comunicar mal um conceito para outros que em seu cotidiano não o freqüentam as pesquisas e estudos de um campo “vizinho”. Os autores vem da área *psi*, como são chamados os psicólogos e os psiquiatras e por isto mesmo ousamos apresentar esta contribuição ao Grupo de Trabalho sobre Folkcomunicação.

O Inconsciente segundo a Psicanálise

Para falarmos de psicanálise temos que nos referir ao Dr. Sigmund Freud (1856-1939) e ao Dr. Jacques Lacan (1900-1981), sendo que o primeiro foi neurologista e o segundo psiquiatra. Ambos deram a maior contribuição ao conceito do inconsciente. Em relação a Freud o inconsciente é uma verdadeira descoberta e funda o que ele chamou de Psicanálise que resume estudos teóricos e práticos dedicados à clinica e a terapêutica do sujeito. Para Lacan também não é muito diferente porque funda a *clinica do desejo* como os lacanianos costumam denominar seus trabalhos.

O conceito do inconsciente designa um dos sistemas do ‘aparelho psíquico’, como Freud chamou seus estudos, e é constituído por conteúdos reprimidos pela ação do recalque. Estes conteúdos são representantes das pulsões classificadas generalizadamente em pulsão de vida e pulsão de morte e são regidos pelo processo primário, de ação e de reação, fortemente carregados de energia que tentam voltar à consciência.

Nos estudos considerados como segunda tópica que se referem a data de 1914 em diante, Freud dedica-se ao estudo de três instâncias referentes a personalidade conhecidas como id,ego,super-ego e o conceito do inconsciente é mais especificado no artigo *O Inconsciente* (1914) e recebe a seguinte descrição:

Podemos ir além e afirmar, em apoio da existência de um estado psíquico inconsciente, que, em um dado momento qualquer, o

conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento consciente deve permanecer, por consideráveis períodos de tempo, num estado de latência, isto é deve estar psiquicamente inconsciente (FREUD, 1974 – 1914 , p. 192) .

Então o conceito do inconsciente freudiano tem antes de tudo uma noção tópica (de lugar) dinâmica (de movimento)e econômica (trocas) ou seja um *lugar psíquico particular que é preciso representar-se, não como uma segunda consciência, senão como um sistema que tem conteúdos, mecanismos e possivelmente uma energia específica* (LAPLANCHE &PONTALIS , 1971, p. 200). Seus conteúdos são essencialmente os desejos infantis e os recalques da pulsão. Para explicar isto Freud vai desenvolver toda uma zona de áreas de repressão que acompanha o desenvolvimento infantil em que se constituem as fases e zonas erógenas, oral, anal, fálica e genital além de provocarem cisões aberturas entre o inconsciente , o pré-consciente, e o consciente propriamente dito.

Há ainda as características específicas do inconsciente que são descritas no artigo de 1914 que podem até ser listadas:

- * não há no inconsciente negação, dúvida ou qualquer grau de certeza
- * no inconsciente existem conteúdos investidos com maior ou menor força
- *estes investimentos sofrem mecanismos especiais de condensações e deslocamentos e são regidos pelo princípio primário.
- * os processos do inconsciente são atemporais
- *estes processos estão sujeitos ao princípio do prazer de modo que a realidade externa é substituída pela realidade psíquica.

O conceito Lacaniano sobre o inconsciente não fica longe das complicações freudianas. Em principio não discute suas características básicas, mas é explicado de forma completamente diferente. Reverte a direção de dentro para fora, para de fora para dentro, e desenvolve a aporia de que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, ou seja constituído, e não já determinado.

Mais interessado na constituição do “eu” Lacan desenvolve o conceito do “estádio do espelho” como momento inaugural do *infans*, aquele que ainda não fala, para conceituar o imaginário. Daí conceituar o simbólico e o real sempre presente, mas

indizível, a morte. Este conceito Lacan os articula no Nó de Borromeu uma figura geométrica em que se um elo se desprende todos os outros também se soltam. Estes elos formam as cadeias das condições do imaginário, simbólico e real, que perpassam os significantes e a ordem do discurso. O RSI é uma das contribuições mais importantes da teoria lacaniana.

O Inconsciente folclórico de Arthur Ramos (1903-1949)

Arthur Ramos Pereira nasceu em Pilar no Estado de Alagoas no dia 07 de julho de 1903. Em 1920 foi para Salvador- Bahia estudar na Faculdade de Medicina, tendo concluído o curso em 1926. Nesse ano cumprindo os rituais do curso, defende a tese intitulada *O Primitivo e a Loucura, quando apresenta os fundamentos da metodologia que orienta as suas pesquisas ao longo do seu trabalho*. Permaneceu na Bahia até 1933, indo estabelecer-se no Rio de Janeiro, onde contou com o apoio de colegas como Afrânio Peixoto e Juliano Moreira. **Inicialmente** vai se ocupar da organização do setor de Higiene Mental e Ortofrenia da Secretaria de Educação do Distrito Federal, da organização da Universidade do Distrito Federal em 1935 com curso de Introdução a Psicologia Social, e em seguida em 1940 com a institucionalização da cadeira de Antropologia na Escola de Filosofia da Universidade do Brasil. Por fim dedica-se a organização do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, vindo a falecer em Paris em 1949 no exercício do cargo. Deve ser registrado que Ramos destacou-se por ser um homem de ação, organizando congresso de cultura africana na Bahia, defendendo colegas perseguidos e presos pela ditadura Estado Novista, organizando e participando de campanhas nacionais e internacionais contra a discriminação racial.

Durante todo o curto tempo de sua vida apenas 46 anos, desenvolveu um trabalho intelectual produtivo, que convergente com a sua trajetória pessoal, o tornam um exemplo de um homem de pensamento e de ação. Essa dimensão, enquanto fundamento ético, expressa o seu compromisso com a construção do Brasil como uma nação moderna, naquele período, preocupada com a definição de projetos de desenvolvimento e com o ritmo de implementação das reformas sociais. No entendimento de Ramos a solução do “dilema brasileiro,” pressupunha a reconciliação da nação com o seu povo, implicando como pré requisito o reconhecimento de que os grupos de excluídos como o negro, os índios e os novos grupos de migrantes europeus, possuíam uma cultura que permitia a esses grupos contribuir para a formação do espírito nacional. É a partir da

pesquisa que desenvolve acerca da cultura e do homem brasileiro considerando a problemática da formação de uma ciência autônoma fora dos marcos da herança colonial, que desenvolve um pensamento original comprometido com a solução dos problemas nacionais. Nesses termos Ramos desenvolve uma teoria acerca da formação do psiquismo humano, que antes de ser individual e refletir a biografia individual, resulta, por um lado, da experiência histórica do grupo de pertencimento do indivíduo e, por outro, das experiências contemporâneas, no contato com outros grupos, indivíduos e instituições. Nesse modelo, o psiquismo é organizado a partir de dois eixos, um correspondente aos conteúdos ancestrais do grupo do indivíduo, que se vincula ao tempo histórico, e o outro correspondendo ao espaço e ao contexto atual de interação dos grupos e indivíduos. Sua expressão seria atualizada e regulada por uma instância mediadora de natureza cultural e de formação mais contemporânea. A essa dimensão socioantropológica do psiquismo associa-se o reconhecimento da sua função de mediação na articulação com o corpo. Esse liame ou fundamento é complementado pelo princípio da contextualização, que para Ramos assume uma dimensão ético-política, e é indicativo de que o novo tipo de conhecimento a ser produzido, deve romper com a tradição científica de assimilar as formulações das ciências sociais e humanas construídas sob o espírito do colonialismo europeu baseado na imagem do adulto branco, dolico e civilizado.

É com esse espírito que, em sua tese de doutorado em medicina *Primitivo e Loucura* (1926), Ramos elabora o seu conceito principal nessa fase que é o de Inconsciente Folklorico, destinado a fundamentar a constituição de uma Psiquiatria Folklorica, o seu projeto mais significativo nesse período. Tem como referência o diagnóstico de crise da psiquiatria, atribuindo como razão fundamental, a influência da psicologia intelectualista. Considerava que a alternativa estaria de um lado no acesso a etnografia dos povos primitivos disponibilizados pelos estudos Etnológicos e Folclóricos, assim como através da reestruturação da Psicologia. Nesse aspecto o pensamento de Arthur Ramos foi influenciado por Karl Jaspers (1883-1969), que considerava a psiquiatria não como uma ciência, mas sim um conjunto de conhecimentos, dependente da psicologia e susceptíveis as contínuas mudanças das suas escolas. Naquele momento estava a psiquiatria submetida a influencia de uma Psicologia intelectualista, resumida a pesquisa e estudo da percepção, e que, para Ramos, deveria ser substituída por uma

forma de compreensão do indivíduo baseada na psicologia dinâmica e nos princípios da Gestalt.

Nesse estudo analisou o trabalho de Eugenio Tanzi (1856-1934) um psiquiatra da escola italiana que estudou a Paranóia pelo viés social, aproximando a Psiquiatria da Etnologia, Arqueologia, Folklore e Psicologia para afirmar que há uma relação analógica entre o primitivo e o paranóico. Estudou e citou o trabalho do psiquiatra alemão Eugen Bleuler (1857-1939), médico que desenvolveu trabalho importante de aproximação da psicanálise e psiquiatria, com o qual Gustav Jung trabalhou diretamente e que em 1924, estudou a demência precoce, para a qual propôs o nome esquizofrenia.

Tanzi elaborou também a hipótese de que *o delírio do paranóico não é mais que a reprodução, mais ou menos fiel, de fórmulas que caracterizam normalmente o selvagem.*(RAMOS, 1926, pg 38 a 41).

Tais hipóteses têm como base a teoria de Theodor Meynert de que as idéias delirantes preexistem como elemento inconsciente, inibidas pelas funções mentais superiores, e considera o controle da cultura sobre o material inconsciente, sugerindo que o reaparecimento do “velho” ocorre ou por inibição ou por defeito da função moderadora da cultura.

Arthur Ramos examinou também as contribuições da Antropologia, das teorias do inconsciente de Freud, Jung, Meynert, Kretschmer para a confirmação do seu conceito de inconsciente folclórico. Dentre todos os seus estudos foram os trabalhos de Eugenio Tanzi que mais o sensibilizaram. Este autor desenvolveu uma analogia entre o a semiologia da paranóia com os traços descritos pelos relatos etnográficos da história dos selvagens de épocas remotas e encontrou fortes semelhanças. Afirmou também essa analogia entre a paranóia e os “contemporâneos, das populações semi-analfabetas que habitam as periferias e os cortiços das cidades”.

A partir destes estudos Arthur Ramos vai propor o conceito de inconsciente folclórico. Ele resulta da redução do conceito de inconsciente ancestral, que tem uma dimensão longitudinal e opera em função do tempo, sendo o responsável pela dimensão arcaica do psiquismo, e do inconsciente intersíquico que responde pela interação do indivíduo

com o meio. (RAMOS 1926, pg. 88 a 90). Trata-se de uma síntese de tudo aquilo dito nos parágrafos anteriores: a dimensão sociocultural é estruturante do psiquismo humano, e esse estrutura mediante a de forma simbólica, que seria uma tradução metafórica da experiência sociocultural. Haveria no psiquismo uma propriedade de arquivar símbolos arcaicos referentes as experiências históricas do grupo de pertencimento, e que existe segundo uma linha temporal em interação com a experiência contemporânea do indivíduo. A essa dimensão Ramos nomeia de Inconsciente Folclórico

Esse conceito ao mesmo tempo em que consolida a perspectiva teórica e metodológica de Ramos nessa fase, é ilustrativo da forma como ocorre o movimento de difusão internacional da psicanálise e a maneira como Ramos recebe e utiliza os seus conceitos. Se ele utiliza conceito de inconsciente, conceito básico do campo psicanalítico, o exame das suas obras posteriores indica que ele assimila uma concepção que o aproxima das formulações de Adler e Jung, concebendo uma libido dessexualizada e reconhecendo o condicionamento do mito psicanalítico pela forma como se organiza a sociedade. Esse entendimento o faz considerar a psicanálise como a psicologia do seu tempo, diferenciando-se das outras escolas de psicologia dinâmica por seu antidogmatismo e flexibilidade, apostando na capacidade desta em se recompor com as dissidências mediante a reelaboração dos seus conceitos.

O aspecto fundamental da proposta metodológica de Ramos consiste em procurar aproximar, o método histórico cultural do exame do psiquismo humano. A sua hipótese é de que a constituição da cultura e a formação do psiquismo estão associadas no tempo e espaço e que o estudo da cultura necessita ter o homem como aspecto central, porém concebido no sentido grupo=>indivíduo e não no sentido inverso. Afirma que o seu conceito de inconsciente folclórico baseia-se no entendimento de que o psiquismo individual existe assentado na dimensão coletiva do psiquismo. Segundo a antropóloga Luitgardes de Barros em seu livro *Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais* (2000) diz que o autor considera nessa formulação *a transição que ocorre no sistema de crenças das camadas pobres e negras do Brasil* (LUITGARDES in RAMOS 2001, pg 337 a 342).

Essa problemática da relação do particular e do universal como componente do processo de individuação e presente em diferentes níveis da sociedade brasileira no período, aparece também em artigo publicado no primeiro número da *Revista Medica da Bahia* de junho de 1933 da qual Ramos era redator:

“O defeito essencial de todos os problemas brasileiros é a falta de continuidade. Nessas bruscas soluções que se estabelecem fazemos em regra tábula rasa de tudo o que anteriormente se veio conquistando com árduo e tenaz esforço. Há um falso sentido de individualismo que sacrifica a obra de conjunto, de série de continuidade, a um ideal instável de realização personalíssima, que não constrói, mas antes se torna um fator dispersivo de atividade improfícua. O cientista brasileiro é ainda uma espécie de sibarita intelectual fechado ao que lhe passa ao redor, no tempo e no espaço, surdo à contribuição que ele considera humilde e inapreciável, do pequeno estudioso distante avesso a um sentimento de comunidade, de cooperação, no seu sentido mais largo sem o qual a ciência não sobreviverá (RAMOS, 1933) .

Essa constatação serve para ilustrar de um lado que os dilemas enfrentados pela Nação no sentido de superar os seus obstáculos, teria analogia com as questões que enfrentam os indivíduos no sentido de ampliar o grau de liberdade nas suas disposições internas, bem como inserir-se em círculos mais amplos que lhe assegure maior grau de autonomia. Ao mesmo tempo encontramos nesses elementos a indicação da fecundidade da hipótese de trabalho de Ramos e do seu conceito de inconsciente folclórico, como instrumento original capaz de captar a dinâmica da cultura brasileira em sua dimensão coletiva e individual.

Ramos reconhece que em relação a busca de autonomia do indivíduo o inconsciente folclórico transforma o processo de individuação em um movimento lento, com resultados que se dissolvem no ar. No momento da expressão do seu conteúdo, o indivíduo não se pertence, pois é tomado pelo seu dinamismo e volta a identificar-se com a espécie sendo conduzido pelo coletivo. A mentalidade pré-lógica convive cotidianamente com a mentalidade lógica, nos atos da vida cotidiana, na maneira de pensar e agir, nos costumes, nas instituições populares, nos contos, nos provérbios entre outras manifestações (RAMOS Arthur, 2001:cap. IX)). Apoiando-se na experiência da diáspora africana, afirma que em relação aos africanos escravizados, o produto do inconsciente folclórico foi a válvula de comunicação com a civilização branca: *os negros aproveitaram-se das instituições aqui encontradas e canalizaram seu*

inconsciente ancestral, nos autos europeus, nas festas, no carnaval, na praça (RAMOS,1935 pg 256 a 258).

Assim, estabelece que, para o entendimento do espírito humano, a Psicologia Individual deve estar associada a Psicologia Coletiva e Étnica.

No que se referente às relações do inconsciente folclórico com o corpo, Arthur Ramos valoriza a mediação das emoções, desenvolvendo essa tese no trabalho *O conceito de Totalidade e a noção de arcaico em Patologia Mental* (RAMOS,1934, pg 13) . Nesse texto a questão do sentido, que ele já havia restabelecido no campo das psicoses é recuperada agora na noção de organismo humano, que é construída a partir do critério da totalidade. Essa síntese é possível mediante a contribuição dos neo-vitalistas alemães, da patologia constitucional, das pesquisas sobre hereditariedade e constituição, da patologia chromosomal, assim como do campo da psicopatologia, e da psicologia com a reflexologia soviética, o behaviorismo americano, o personalismo de Stern, a Gestalt dos formalistas, e a psicanálise.

O corpo, está aí envolvido em uma relação biunívoca com a personalidade o que coloca em pauta a questão do sentido. Nesses termos o psiquismo não se localiza apenas no cérebro, mas se dissemina por todo o corpo: nos genes, na maquinaria celular e nos órgãos. Por outro lado os ritmos fisiológicos (cardíacos, respiratório, digestivo), contribuem para a formação da personalidade. É a vida vegetativa que, por seu vínculo com a afetividade, dirige nossa personalidade.

Dessa forma considerando o conceito de inconsciente folclórico, a Psicologia da Afetividade é considerada mais importante que a psicologia abstrata para a investigação da vida anímica.

Por fim Arthur Ramos considera que a psicologia social, para não se limitar a uma psicologia social descritiva superficial, deve tomar o inconsciente folclórico como objeto e efetuar a análise das categorias pré-lógicas de um ciclo de cultura. Trata-se de um campo onde se encontram a metodologia da antropologia cultural, da psicanálise e da *gestalt*, que por sua mobilidade conduzirão possivelmente a uma unificação dos diversos critérios metodológicos da sociologia (RAMOS,1935, pg 256 a 259).

Nesse trabalho apresentamos o Inconsciente folclórico como conceito teórico que articula dois campos de conhecimento para examinar o homem brasileiro e a realidade do Brasil: primeiro o Culturalismo, que é introduzido no Brasil, através das contribuições das escolas de Levy Brhul e de Franz Boas, e de outro a Psicanálise e outras escolas de psicologia dinâmica, o que lhe vai permitir pensar o momento e as perspectivas da sociedade brasileira, cujo passado colonial reunira em situações muito diversas, brancos, negros e índios, a quem foram ajuntados mais contemporaneamente outros grupos de brancos e asiáticos.

Conclusão

Ao tempo em que reconhecemos as definições de inconsciente de Freud e de Lacan como mais amplas, devemos reconhecer o valor do conceito do Inconsciente Folclórico de Arthur Ramos . Por um lado porque não houve outro teórico brasileiro que tenha proposto algum estudo significativo sobre o conceito e por outro porque sob a luz de várias outras teorias sociais o conceito de Ramos é significativo aquelas disciplinas, que interagem com a psicologia, psiquiatria, psicanálise, etnologia, arqueologia, sociologia e historia entre outras. Tal fato coloca o seu exame exaustivo no plano de uma verdadeira cartografia do saber de sua época.

No entanto a questão principal que norteia esse trabalho é indagar a partir da posição que assumimos hoje no campo psi, acerca das possibilidades e pertinência do Inconsciente Folclórico em relação ao campo da psicanálise. Em outras palavras: a que historia nos remete essas experiências e inflexões que a doutrina psicanalítica vem apresentando no âmbito do espaço e tempo que o seu próprio corpo de adeptos representa? Em que medida tais reflexões podem subsidiar estudos e questões que se colocam entre a subjetividade e a sociedade? É possível pensar no plano teórico na existência de um inconsciente pós colonial?

Referências

BLEULER, Eugen. Psiquiatria. Tradução Eva Nick. 15ª edição. Guanabara Koogan. 1985.

BRHUL, L. Levy. Las Funciones mentales em las Siedades Inferiores. Editorial Iautaro. Buenos Aires. 1947

FREUD, Sigmund. Obras Completas. Edição Standart das Obras Completas. Editora Imago,. Em especial: O Inconsciente (1914). Rio de Janeiro, 1974.

LAPLANCHE & PONTALIS, Dicionário de Psicoanálisis, Editorial Labor, S.A, Barcelona, 1971.

JASPERS, Karl. Psicopatologia Geral. Editora Atheneu. São Paulo. 2000.

RAMOS, Arthur. Primitivo e Loucura. Imprensa Oficial. Bahia. 1926.

RAMOS, Arthur. A Sordice nos Alienados: ensaio de uma psicopatologia da imundice. These do concurso a docência livre de clinica psiquiátrica da Faculdade de medicina da Bahia. Livraria e Typografia do Comercio. 1928.

RAMOS, Arthur. Estudos de Psicanálise. Livraria Cientifica Editora. Bahia. 1931.

RAMOS, Arthur. Freud, Adler, Jung. Editora Guanabara. Rio de Janeiro. 1933a.

RAMOS, Arthur. Psychiatria e Psycanalise. Editora Guanabara. Rio de Janeiro. 1933b.

RAMOS, Arthur. O Negro Brasileiro. 1ª edição, 1934. 5ª edição, Graphia. Rio de Janeiro. 2001.

RAMOS, Arthur. O Folk-lore Negro do Brasil. 1ª edição 1935a. Civilização Brasileira.

RAMOS, Arthur. As Culturas Negras no Novo Mundo. 1ª edição 1935b. Editora Nacional. 3ª edição. 1979.

RAMOS, Arthur. Introdução a Psicologia Social. Editora José Olímpio. Rio de Janeiro. 1936

RAMOS, Arthur. Loucura e Crime: questões de Psiquiatria, Medicina Forense e Psicologia Social. Edições Globo. Porto Alegre. 1937.

RAMOS, Arthur. Estudos de Folk-Lore. Definição e Limites. Teorias de Interpretação. Editora Casa do Estudante. Rio de Janeiro. 1952.

RAMOS, Arthur. O Negro na Civilização Brasileira. Editora Casa do Estudante. Rio de Janeiro.

RAMOS, Arthur. Bahia Medica: ano II, nº 9; ano III, nº 10, 14, 17, 15, 16; ano IV, nº1.

RAMOS, Arthur. Revista Medica da Bahia: de junho de 1933 a julho de 1939.

¹ Doutora em Comunicação Social –ECO UFRJ , Professora Titular do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social-UERJ.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social-UERJ.

y P